

# Escrita e experiência: representação da violência no corpo feminino negro evidenciado nos poemas de Conceição Evaristo.

Gabriel da Silva Nunes<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo busca refletir criticamente acerca das temáticas de violência transfiguradas no corpo feminino negro e que são evidenciadas em alguns poemas de Maria da Conceição Evaristo. Portanto os poemas selecionados foram: vozes-mulheres, para a menina e a menina e a pipa borboleta. Nesse contexto, realizamos uma análise pautada na mulher negra e seus aspectos sociais marginalizados, dentro de uma janela interpretativa poética dos escritos de Conceição Evaristo, dessa maneira também trouxemos para discussão aspectos ancestrais, traços de memória, escravidão e o termo cunhado pela própria autora “Escrevivência”. Os debates mostram que Evaristo preenche o seu lugar de fala e escrita dentro da literatura brasileira, levantando uma bandeira de resistência e sobrevivência da cultura negra feminina no país.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo. Poema. Mulher negra.

**Escritura y experiencia: representación de la violencia en el cuerpo femenino negro  
evidenciada en los poemas de Conceição Evaristo.**

## RESUMEN

Este artículo busca reflexionar críticamente sobre los temas de violencia transfigurados en el cuerpo femenino negro y que se evidencian en algunos poemas de Maria da Conceição Evaristo. Por ello, los poemas seleccionados fueron: Voces de mujer, Para la niña y el cometa mariposa. En este contexto, realizamos un análisis a partir de las mujeres negras y sus aspectos sociales marginados dentro de una ventana poética interpretativa de los escritos de Conceição Evaristo. De esta manera, también trajimos a discusión aspectos ancestrales, huellas de la memoria, la esclavitud y el término acuñado por ella. la propia autora “Escribiendo”. Los debates muestran que Evaristo ocupa su lugar de palabra y escritura dentro de la literatura brasileña, levantando una bandera de resistencia y supervivencia de la cultura femenina negra en el país.

**Keywords:** Conceição Evaristo. Poema. Mujer negra.

<sup>1</sup> Mestrando em História e Letras pela Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC-UECE. Graduado no Curso de Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC-UECE. E-mail: [gabynunes353@gmail.com](mailto:gabynunes353@gmail.com). Currículo lattes:<http://lattes.cnpq.br/1365430790483065>

## 1 COLOCAÇÕES INICIAIS

O poema é uma construção histórica, cabe ao poeta colocá-lo em pauta ao lado de sua experiência de homem e de mundo, ele relata acontecimentos singulares, ressignifica o passado e traduz o imprescritível. Ana Claudia Duarte Mendes, apresenta em seu texto eco e memória: *Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo*, um olhar diferente para a experiência ao falar que seria uma “revelação” ao próprio escritor poeta, que a utilizaria para dar voz aos silenciados e marginalizados historicamente. Tendo como pano de fundo a escrita poética, analisaremos escritos do livro *poemas da recordação e outros movimentos*, 2017, da escritora Maria da Conceição Evaristo.

Antes de qualquer compreensão é necessário o entendimento acerca da trajetória de Evaristo; a autora nasceu em 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, após sua formação em meados de 1970, Conceição muda-se para o Rio de Janeiro, onde começa a ter contato com o movimento negro e a luta por direitos igualitários. Bárbara Araújo Machado, comenta em um de seus artigos que “Em 1990, Conceição publicou seu primeiro poema nos Cadernos Negros, editados pelo grupo paulista Quilomboje” (Machado, 2014, p. 244). Seu contato com a escrita legou-lhe um imenso currículo, pois, possui mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada, além de seus textos literários, a escritora reflete também acerca da Literatura Afro-Brasileira e Africana. Levando em consideração a sua história como mulher negra no Brasil, Evaristo expõe em seus poemas muito do que já viveu, de suas experiências, preconceitos sofridos e resistências impostas.

Dona do termo “Escrevivência”, no qual em seu núcleo central evidencia as vivências e experiências de mulheres negras, escravizadas e silenciadas. Conceição explica isso ao escrever:

A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cercado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência (Evaristo, 2020, p. 29-30).

Foi nesse contexto de casa grande e escravidão negra feminina que Conceição Evaristo cunha o termo “Escrevivência” para pensar, refletir e ressignifica a escrita, evolvendo memória, violência e ancestralidade. A autora utiliza o corpo como objeto de escrita, traduz as marcas de um passado escravocrata em resistência e sobrevivência e, é nesse contexto que iremos nos debruçar sobre alguns de seus poemas, entre eles estão *Vozes-mulheres, a menina e a pipa borboleta e para a menina*, escritos que trazem consigo a violência, a escravidão, o medo e insegurança de um passado opressor, que colocava o negro na categoria de marginalizado. Pretendemos vislumbrar o poema sob um olhar crítico e representativo, para tanto é de suma importância evidenciar autores que trazem o discurso alinhado sobre instruções ao estudo crítico dos poemas. Antônio Cândido (2006) descreve em seu livro “O estudo analítico do poema”, no capítulo comentário e interpretação literária, uma posição expressiva do autor na confecção da escrita ao expor que: “Num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem por meio da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo do homem” (Cândido, 2006, p. 27).

Dessa forma o autor expõe uma comunicação no seu aspecto mais íntegro possível, e ao fazer isso o texto poético manifesta em si uma expressividade que Cândido (2006) denota essencial ao discorrer que “é fundamental para a Arte e a Literatura”. A análise poética sugere que seja o levantamento puro e simples de um comentário expressivo e analisado no âmbito exterior do poema, desvinculado-se de expressões do autor da própria poética. Tendo como base o texto literário de poemas, o presente artigo busca refletir criticamente acerca das temáticas de violência transfiguradas no corpo feminino negro e que são reveladas em alguns poemas de Maria da Conceição Evaristo.

## 2 MENINA, MULHER, AVÓ E BISAVÓ

Os poemas Evaristianos são marcados pela presença da figura feminina, pois a autora constroi dentro da poética uma mulher guerreira que é capaz de conseguir tudo que almeja e suportar todo o processo. Eduardo de Assis Duarte discorre no portal literafro<sup>2</sup>, sobre essa temática e explicita que “A presença feminina nos textos de Evaristo teriam um caráter de reflexão e denuncia”. Desse modo alguns poemas retratam em seu âmago a ancestralidade, ao

<sup>2</sup> Portal da literatura Afro-Brasileira disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>



passo que expõe em cada geração um sofrimento físico e psicológico sofrido pela figura feminina, podemos vislumbrar isso no poema *Vozes-Mulheres*:

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 24-25).

Fica claro o traço ancestral na poética, quando a autora descreve gerações de mulheres sendo silenciadas e esquecidas. Rhuan Barros (2019) discorre sobre a primeira estrofe, a qual expõe a primeira voz, e diz que “a mulher primeira, a bisavó, que em um infantil desejo de protesto é silenciada pela escravatura” (Barros, 2019, p. 7). Quando a bisavó é ligada ao processo de escravidão surge uma imensa magnitude de recordações que faz o leitor pensar historicamente no período escravocrata, nos navios negreiros<sup>3</sup>, nos castigos aplicados e até

<sup>3</sup> Os navios negreiros eram grandes embarcações que traziam os africanos para a escravização em outros continentes.

mesmo na mulher negra sendo objeto sexual de seus senhores. Assunção (2002) trata sobre a escravidão ligada aos jesuítas com um viés entre caridade e violência, ao passo que constitui esse discurso o autor descreve punições e castigos suportados pelos escravos e escreve que: “As punições violentas, com açoites e a marcação no rosto com ferro em brasa não eram adequadas, pois o escravo se revoltava, fugindo para o mato, podendo ainda cometer suicídio ou matar aqueles que os oprimiam” (Assunção, 2002, p. 118-119).

O autor revela diversas formas de castigos e maneiras de conter o escravo no lugar que lhe foi atribuído no meio social pelo discurso da branquitude. Conceição evidencia no poema, em seus primeiros versos, a possibilidade de uma análise interpretativa; a qual uma mulher negra teria perdido sua infância trazida de seu local de origem, pois, foi forçada pelo processo escravocrata a migrar e seguiria então sofrendo violência por entre os navios negreiros. Quando seguimos adiante Evaristo nos apresenta a voz da mulher - avó que parece estar vivendo no auge da escravidão e sofrendo crueldade por ser mulher e acima de tudo negra, sua voz ecoou baixinho “obediência aos brancos-donos de tudo”, mesmo que o protesto não seja visto em primeira instância, podemos perceber o eu lírico criando uma certa resistência em seu discurso.

No terceiro estrofe notamos a voz da terceira geração com a mulher - mãe, com um discurso contemporâneo, evidenciando as desigualdades sociais e o racismo, legado deixado pelas mulheres que viviam no período da escravidão e eram destinadas a limpeza e a cozinha, atribuindo-lhe atualmente o destino de subalternidade no meio social. Conforme Barros, (2019) a voz da figura feminina “ecoa baixinho uma revolta. Dessa forma, entendo que a luta diária dessa mulher - mãe marca o terceiro protesto evocado no poema” (Barros, 2019, p. 7). Ao analisar a estrofe estrategicamente podemos notar um teor sensitivo, justamente por essa mulher ser contemporânea e sofrer violência na ausência de oportunidades em direitos de igualdade. Dessa forma sendo marginalizada na estrutura social vigente. Em seguida o eu lírico mostra o tempo presente quando diz “a minha voz ainda ecoa versos perplexos com rima de sangue e fome”; Conceição desse momento em diante vai deixando evidente a memória dos antepassados e do sofrimento vivido pelas gerações de mulheres anteriores, quando ela diz “o ontem – o hoje – o agora” e que, contudo, isso a mulher – filha terá a esperança de uma voz ao soar a liberdade.

Evaristo lida novamente com a história, a violência negra e a ancestralidade em seu poema *Para a Menina*:



Desmancho as tranças da menina  
e os meus dedos tremem  
medos nos caminhos  
repartidos de seus cabelos.

Lavo o corpo da menina  
e as minhas mãos tropeçam  
dores nas marcas-lembranças  
de um chicote traiçoeiro.

Visto a menina  
e aos meus olhos  
a cor de sua veste  
insiste e se confunde  
com o sangue que escorre  
do corpo-solo de um povo.  
Sonho os dias da menina  
e a vida surge grata  
descruzando as tranças  
e a veste surge farta  
justa e definida  
e o sangue se estanca  
passeando tranquilo  
na veia de novos caminhos,  
esperança (Evaristo, 2017, p. 36).

Como no poema *Vozes-Mulheres*, a filha ao final guarda a voz de suas antepassadas que sofreram para que a sua fala ecoasse em liberdade, no *Para a Menina* o instrumento utilizado é o corpo, usa-se a ferramenta da memória para reviver as ancestralidades. Letícia Nery, discorre sobre a ancestralidade e a metapoiesia nos escritos de Conceição Evaristo, e discute que:

No poema, a eu lírica arruma a criança, penteia seus cabelos, dá o banho, veste-a. Os atos de cuidado se misturam ao ato da lembrança. Já na primeira estrofe, a memória é acionada pelo artifício do enjambement: fazendo de “medos” objeto direto de “tremer”, a poeta evoca antigas histórias de horror. É o cabelo trançado da menina a levar a eu lírica para caminhos do medo (Nery, 2021, p. 144).

Assim como Nery afirma, podemos perceber os cuidados empregado com a menina no cotidiano, ao passo que Evaristo faz isso o eu lírico vai retornando as lembranças de um passado escravista, que legou ao corpo negro muito sofrimento e violência. Na segunda estrofe é exposto o ato de banhar a menina e ao fazer isso é novamente evidenciado a agressão física com “dores nas marcas-lembranças de um chicote traiçoeiro”, chicote esse que não tinha piedade e muito menos humanidade para com a população negra. Conceição quando cunha o termo “Escrevivência” está narrando as dores de um tempo desumano e violento, mais

também ressaltando a experiência de vida de mulheres negras que sofreram na escravidão, e no mundo contemporâneo são destinadas a subalternidade social.

Já no terceiro estrofe a autora expõe a figura do vestir a menina, e ao tempo que faz isso a veste vermelha “insiste e se confunde com o sangue que escorre do corpo-solo de um povo”; há uma ligação entre a cor do vestido e a violência sofrida pela população negra, tanto no passado como em seus dias atuais. O filósofo Paul Ricoeur discorre em seus escritos sobre memória, história e esquecimento, o que nos leva a perceber que a construção de uma história narrativa estaria ligada à memória e ao esquecimento. Dessa forma Conceição estrutura seu poema baseado na história vivida de um povo sofrido, e ao fazer isso tenta construir um passado “ressignificante” pois, na última estrofe do poema quando escreve “na veia de novos caminhos e esperança” a uma abertura interpretativa que reforça a consciência dos tempos mudarem ao passo que “descruzando as traças” fariam mudanças significantes.

### **3 VIOLÊNCIA SEXUAL OCULTADA NA INOCÊNCIA FEMININA**

Conceição Evaristo incisivamente coloca a figura da mulher negra como personagem central de seus escritos, ao fazer isso a temática da violência no corpo negro feminino vai sendo exposta. A notoriedade que a autora manifesta em seus poemas sobre as mulheres é de extrema sensibilidade, pois, demonstra as vivências no período da escravidão, parafraseando na contemporaneidade com o racismo estrutural, que deixa o feminino à margem social. Solidade e Botoso (2020) escrevem sobre as faces femininas expostas nos poemas Evaristianos e ao fazer isso afirmam que “A mulher negra era propriedade particular e não tinha domínio sobre o próprio corpo”. Portanto Conceição busca uma posição de destaque nos seus textos e escritos ficcionais que coloque o corpo feminino negro no epicentro, levantando uma bandeira de valorização da mulher escritora, mãe, filha, avó e profissional.

Em alguns de seus poemas, percebemos características poéticas que envolvem a violência sexual e o aborto, a autora traz essa questão no poema *A menina e a pipa borboleta*:

A menina e a pipa  
ganha a bola da vez  
e quando a sua íntima  
pele, macia seda, brincava  
no céu descoberto da rua  
um barbante áspero,  
másculo cerol, cruel  
rompeu a tênué linha

da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel, seda esgarçada  
da menina estilhaçou-se  
entre as pedras da calçada  
a menina rolou  
entre a dor e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,  
a menina expulsou de si  
uma boneca ensanguentada  
que afundou num banheiro  
público qualquer. (Evaristo, 2017, p. 50).

A autora manifesta poeticamente uma temática sensível ao tratar da vulnerabilidade sexual que a mulher é associada, e se tratando do corpo feminino negro é difícil não relacionarmos com a escravidão. Rezende e Tárrega ao discutirem sobre o corpo colonial da mulher negra, evidenciam aspectos que “À mulher negra, pesava primordialmente a subjugação através do estupro, servindo como um constante lembrete de sua vulnerabilidade sexual e subserviência ao escravizador” (Rezende; Tárrega, 2021, p. 229).

Mulheres escravizadas eram submetidas a todos os tipos de violência e abuso sexual, visavam deixá-las aterrorizadas para que se sujeitassem passivamente a seus donos, foram tratadas como objeto sexual de desejo pelo ser masculino dominante. A opressão racial e sexista sofrida por mulheres negras está intimamente ligada a um território de poder entre dominador e dominada, que é inserida em uma lógica subjetiva de poder político e social dentro do sistema escravocrata.

O poema de Conceição em seus versos iniciais revela uma inocência da figura feminina com “a menina e a pipa” e que ao passo da estrofe essa menina inocente vai sendo abusada como em “um barbante áspero, músculo cerol, cruel rompeu a tênué linha”, a autora utiliza-se de metáforas para fazer alusão ao momento do estupro, quando até mesmo ela é escolhida “ganha a bola da vez”. O poema é dividido em três estrofes e narra um abuso sexual sofrido por uma menina, o eu lírico utiliza brinquedos infantis para fazer alusão aos acontecimentos, ao passo que o estupro acontece a fragilidade da menina vai dando lugar ao medo. Desse modo Conceição abre um leque de interpretações poéticas, tendo isso em jogo colocamos a questão do gênero em discussão. Bell Hooks (1984/2019), professora, ativista do movimento feminino negro argumenta em um de seus ensaios que se não conseguimos enfrentar a “dominação nas relações em que há cuidado”, afeto e carinho, estaremos longe de obtermos uma dominação nas relações institucionais de poder político social. Assim como a

Filósofa Judith Butler (2003) discorre em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, sobre a construção cultural da mulher e a dominação de corpos dito pela cultura como femininos, e ao fazer isso a autora escreve no centro de seu discurso “o feminismo universal”, onde o desconstrói conforme cada cultura.

Conceição demonstra em seu poema a vulnerabilidade da mulher frente a cultura dita como “masculina – dominante”. Em sua segunda estrofe a menina “rolou entre a dor e o abandono”; nos fazendo perceber que teria sofrido o abuso sexual e estaria desamparada pelo Estado, pela família e a sociedade. Já na estrofe final observamos uma janela interpretativa do fruto do estupro quando a autora escreve “a menina expulsou de si uma boneca ensanguentada que afundou num banheiro público qualquer.” A todo momento no poema pelas frases “bola da vez”; “dor e abandono” e “banheiro público qualquer”, a autora chama a atenção para a banalização de tal acontecimento no meio social, passando a ideia de crítica social ao interpretarmos que o abuso sexual foi perpetrado desde os tempos da escravidão e se faz presente de tal maneira que é algo tido como “normalizador” na sociedade contemporânea racista.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É questionado pela Literatura Afro-Brasileira a ausência de escrita feminina negra no cânone literário nacional. Conceição Evaristo preenche o seu lugar de falar e escrita dentro da literatura brasileira, levantando uma bandeira de resistência com sua “Escrevivência” trazendo uma reflexão ressignificante do papel da mulher negra no meio social e para isso a autora remonta o período escravista. Em seu livro poemas de recordação e outros movimentos, Conceição trabalha com temas que envolvem a figura feminina, Thamirys Matos (2021, p. 108) escreve que “uma análise pautada em conceitos como corpo e memória são chaves de leitura direcionadas pela escolha vocabular, temática e imagética da escritora”. Além do corpo e da memória, também são notados temas como a ancestralidade e a violência sexual.

Nos poemas analisados o eu lírico segue um caminho de ancestralidade para fazer alusão a violência exposta sobre o corpo feminino negro, quando em sua “voz” a mulher retrata o que aconteceu com suas antepassadas desde o período da escravidão, e finda com sua filha ainda colhendo “as lagrimas de dor” de um passado sofrido e violento, mais que ela estaria tendo a possibilidade de liberdade que as outras não tiveram. Conceição sempre busca

em alguns de seus poemas mostrar que apesar da dor ainda se pode ressignificar esse passado, e que ainda há esperança se mudamos o tempo e se nos colocamos frente às injustiças sociais.

Já nas “tranças da menina” o corpo é tido como local de lembrança, ao passo que isso acontece Evaristo traduz um medo e um certo horror das memórias vividas. Arrumando a menina, através de um gesto de cuidado a autora revela para seus leitores um passado violento e racista. O corpo feminino negro é lugar de representatividade e fraternidade funcionando como objeto de denúncias, as “cicatrizes” que deveriam ser esquecidas de um “chicote traiçoeiro” sempre serão lembradas, mas com o fim “as tranças se descruzam” e a menina pode sonhar com a esperança de viver um tempo melhor.

A análise do poema “A menina e a pipa borboleta” é singular, pois a sua compreensão é de extrema sensibilidade, o leitor tem sentimentos de repulsa ao perceber que “ganhá a bola da vez” na verdade é referência a escolha de um estupro, o eu lírico descreve ao longo dos versos as fases de um abuso sexual e ao fazer isso deixa evidente em palavras a ausência de apoio que a figura feminina teria. Abre-se no último estrofe uma interpretação que permeia além do estupro, o fruto de uma hediondez<sup>4</sup> que “afundou em um banheiro público qualquer”.

As reflexões postas nesse texto podem servir de aporte teórico para outras demandas acadêmicas que discorrem sobre Conceição Evaristo e seus escritos, além de análises nacionais de Literatura Afro-Brasileira e que discutam conceitos de memória, violência, ancestralidade e corpos escritos. Além disso é uma temática de fácil encaminhamento entre os estudiosos de construções anti hegemônicas e narrativas históricas - sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Paulo de. A Escravidão nas propriedades jesuíticas entre a caridade cristã e a violência. **Acervo**, v. 15. n. 1, 2002. p. 115-132.

BARROS, Rhuan Cruz. Vozes-consciência como protesto poético: uma escuta à poesia de Conceição Evaristo. **Scripta Alumni – Uniandrade**, n. 22, 2019. p. 1-13.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 164 p.

<sup>4</sup> Hediondez vem da palavra hediondo, que significa crime sórdido, depravado que provoca grande indignação popular.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.) **Escrevivência: A escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020. p. 26-46.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. (Rainer Patriota, trad.) São Paulo: Perspectiva, 2019, p.256. (Obra original publicada em 1984).

KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade; *et al.* A ética amorosa de bell hooks e a FAP: Interlocuções entre feminismo negro e clínica comportamental. **Perspectivas**, ed. Especial: Estresse de minorias, 2021. p. 321-341.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: A trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17. n. 1. 2014. p. 243-265.

MATOS, Thamirys Di Paula Cassiano de. Representações de corpo feminino e memória em poemas de Conceição Evaristo. **Web Revista Linguagem Educação e Memória**, v. 1. n. 20, 2021. p. 88-108.

MENDES, Ana Claudia Duarte. Eco e Memória: Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo. **Literafro**. 2023, Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/201-eco-e-memoria-vozes-mulheres-de-conceicao-evaristo-critica>. Acesso em: 10 de Maio de 2024.

NERY, Letícia. História de acordar casa-grande: a ancestralidade e a metapoesia de Conceição Evaristo. **Fórum Lit. Bras. Contemporânea**, v. 13, n. 25, 2021. p. 135-153.

REZENDE, Damaris Tuzino de; TARREGÁ, Maria Cristina Vidotte Blanco. Colonialidade do corpo feminino negro: Trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e justiça racial. **Videre**, v. 13. n. 27. 2021. p. 227-243.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa Tomo I**. São Paulo, Campinas: Papirus, 1994. (Trad: Constança Marcondes César)

SOLIDADE, Maria de Fátima de Sousa; BOTOSO, Altamir. Faces do feminino em poemas da recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo. In: RAMOS, Celiomar Porfírio; FERREIRA, Rosineia da Silva (org.) **Reflexões sobre as escrevivências de Conceição Evaristo**. 1 ed. Curitiba: Bagai, 2020. p. 88-102.

PIMENTA, Luciana; ARAÚJO, Luísa Consentino de. “Corpo-escrita” na poética escrevivente de Conceição Evaristo: A literatura como espaço para vozes por vir. In: As fronteiras em direito e literatura: Narrativas insurgentes e inquietações contemporâneas. **Anais** [...] Vitória – ES, 2022. p. 534-549.

*Artigo recebido em:* 28/05/2024

*Artigo aprovado em:* 14/06/2024